

**CELSO MING**

\* celso.ming@grupoestado.com.br

**Ladran, Sancho**

**D**om Quixote, seu fiel escudeiro Sancho Pança e o esquálido cavalo Rocinante acabavam de sair da terra de origem para as conquistas e lutas contra os gigantes. Ao passarem pela primeira aldeia, a cachorrada saiu latindo atrás deles. E Dom Quixote: “Ladran, Sancho, señal que cabalgamos”. Esta frase, tão tipicamente quixotesca, não está no livro de Cervantes. Parece ter sido tirada de versos de Goethe, escritos em 1808.

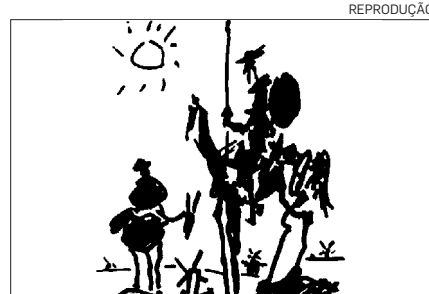
Pode também ser evocada agora, depois do relativo sucesso do leilão do Campo de Libra, em meio a vociferações de grupos aferrados a pontos de vista antigos e sem sentido.

O principal avanço é o de que, apesar das vacilações, um governo que se intitula de esquerda afinal começa a aderir ao que até anteontem conside-

rava o pior da sua relação com o setor privado, tão pior considerava que chamava de privatária.

Ainda é uma adesão envergonhada e constrangida, porque em nenhum momento nem a presidente Dilma nem os principais figurões do governo se atrevem a reconhecer que esse é o caminho da privatização sadia. Ao contrário, para efeito externo avisam que concessões de serviços públicos e entrega de exploração de petróleo a empresas privadas estrangeiras podem até ter alguma semelhança com os processos de privatização colocados em prática pelos neoliberais, mas não têm nada a ver com essas coisas horríveis, porque, argumentam, como a presidente Dilma argumentou, só agora o Estado e a sociedade são os grandes beneficiários.

Embora tenha enfrentado com competência disseminadas escaramuças ju-

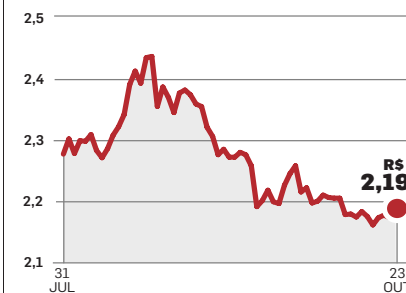
REPRODUÇÃO  
**Dom Quixote. No traço de Picasso**

rídicas e manifestações de rua contrárias à licitação de Libra, falta sinceridade no governo Dilma. Não reconhece que o Tesouro está no bagaço e que, se é para dotar a economia de uma rede moderna de infraestrutura e de serviços públicos, é preciso convocar para isso o setor privado. Bem verdade, o setor privado não é Santa Casa de Misericórdia, que se dedica a benemerências. O setor

privado só entra na parada se tiver retorno satisfatório. Mas, afinal, o que é mais republicano: remunerar adequadamente o setor privado que investe, da empresa e opera serviços públicos; ou permitir (e até incentivar) que o Estado seja carcomido por carunchos?

O governo também deveria ser mais explícito em reconhecer que essa parceria governo-setor privado é de forte interesse para o setor público e para a sociedade, pelo menos por quatro razões: (1) porque gera infraestrutura e serviços públicos que antes não existiam e estes, por sua vez, se tornam multiplicadores de produção e de emprego; (2) porque, apesar dos pesares, no que sabe fazer melhor do que os administradores públicos, o setor privado tende a ser mais eficiente; (3) porque, com mais concessões e mais licitações, o Estado ganha mais impostos, mais royalties e mais contribuições que pode utilizar no cumprimento de seus programas democraticamente escolhidos; e (4) porque contribui para o investimento estrangeiro de boa qualidade, numa situação em que a poupança interna é uma insignificância e as contas externas estão no vermelho.

Apesar dos latidos que provêm dos dois lados da estrada, a caravana passa. Está em seu poder avançar mais e ganhar ainda mais com a nova postura, se improvisar menos e se confiar o processo a profissionais.

**CONFIRA**● **Cotação do dólar**

FONTE: BROADCAST INFOGRÁFICO/ESTADÃO

O gráfico mostra a trajetória das cotações do dólar em reais desde agosto. Foi uma valorização de 4,07%.

● **Não foi só isso**

Ontem, em exposição a investidores de Cingapura, o presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, disse que a valorização do real obtida nas últimas semanas só foi possível graças à atuação do Banco Central que, assim, evitou efeito câmbio sobre a inflação. Não foi só isso. O principal fator que reverteu a desvalorização do real foi a decisão do Fed (o banco central dos Estados Unidos) de adiar a reversão da política de emissão de dólares.

**Editorial econômico****O PIB do agronegócio foi o que mais cresceu**

O PIB do agronegócio cresceu 0,13%, em julho, e 3,31%, nos primeiros sete meses de 2013, segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia

Aplicada (Cepea), da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. A produção do campo evita, assim, um agravamento do déficit comercial e contribui para o Produto Interno Bruto (PIB), com crescimento previsto em cerca de 2,5%.

Calculado com o apoio da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e da USP, o PIB do agronegócio inclui não só a produção “dentro da porteira” – onde o Brasil é mais competitivo –, como a distribuição e a industrialização de insumos e dos bens produzidos no campo. É medido pelo valor da produção, ao contrário do indicador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que estima a quantidade produzida.

O PIB do agronegócio corresponde a 23% do PIB total, mas deverá contribuir com cerca da metade do crescimento econômico deste ano, segundo a consultoria GO Associados, em estudo realizado no mês passado. A agricultura tem peso maior que a pecuária, mas esta será a líder do crescimento do setor.

A pecuária básica, puxada por suínos e aves, cresceu 9,44% entre janeiro e julho, mais que o dobro do avanço de 4,47% da agricultura. A expectativa de crescimento da receita da cadeia pecuária, no ano, é de 16,73% – principalmente em razão dos preços, que subiram cerca de 10% entre 2012 e 2013. Na cadeia agrícola, a quantidade produzida deverá aumentar 8,83%, mas os preços tiveram ligeira queda (0,87%, nos primeiros sete meses do ano). Batata, trigo e tomate são as culturas com cenário mais favorável, ao contrário da laranja, com queda da produção e dos preços.

Investimentos maciços transformaram o País num dos mais competitivos do mundo no agronegócio. O grande responsável é o setor privado, com o apoio de núcleos ou empresas de pesquisa da área pública, caso da Embrapa.

O agronegócio gerou, até agosto, um superávit comercial de US\$ 57,7 bilhões, 11,3% maior que o do mesmo período de 2012. É exemplo do vigor do mercado: os preços de parte das commodities agrícolas aumentaram, em 2012, mas caíram, em 2013, sem que houvesse desequilíbrio entre a oferta e a demanda. Falta ao governo reconhecer o quanto o Brasil depende do agronegócio para assegurar boas condições à produção, reduzindo, em especial, os custos logísticos da atividade.

**Opinião****Falta de competição e produtividade**\* **ANDRÉ MELONI NASSAR**

**J**á ganhou força a visão de que o setor industrial brasileiro precisa ganhar produtividade para ser capaz de competir internacionalmente. Mas ainda é tímida no Brasil a visão de que o aumento de produtividade requer, necessariamente, mais competição nos setores produtores de insumos para a indústria. Essa percepção fica ainda mais evidente quando um setor exportador e com interesses ofensivos é analisado.

Estudo desenvolvido pela Agroicone e a União Brasileira de Avicultura (Ubabef) sobre a competitividade da indústria exportadora de frango no País avaliou os custos de produção e distribuição na cadeia, incluindo a produção do animal, a parte industrial e os custos de logística até os principais mercados de destino. Comparamos os dados de custos do Brasil com os nossos maiores competidores. Embora tenhamos constatado que o Brasil continua sendo um país competitivo, o estudo deixou claro que nossa competitividade está centrada na produção do animal e que no setor de abate e processamento o País não está melhor do que nossos concorrentes.

Três itens de grande relevância nos custos dos frigoríficos são mão de obra, embalagens e energia. O governo escolheu um caminho para lidar com

as questões de energia que, embora possa ter consequências no longo prazo, promoveu redução de seu custo no curto prazo. Os custos de embalagens são mais altos no Brasil, o que mostra a necessidade de mais competição no setor petroquímico. Mas é na questão da mão de obra que quero me concentrar.

Analisamos a evolução do custo da mão de obra no Brasil, nos EUA e na Tailândia de 2006 a 2013. Se no Brasil ele cresceu 165% em dólar, o aumento foi ao redor de 30% nos competidores. Embora os EUA tenham valor de mão de obra (salários, encargos e benefícios) 3,5 vezes mais alto que o Brasil, os custos por tonelada de carne são equivalentes. Há, pois, diferenças relevantes na produtividade da mão de obra.

É uma conquista para o desenvolvimento do Brasil que o mercado de trabalho esteja com baixo nível de desemprego e o aumento dos menores salários ocorra a taxas acima da média. Mas essa mudança estrutural no mercado de trabalho enseja mudanças estruturais nos setores industriais em que a mão de obra ainda é um importante item de custo. No caso do frango, a mão de obra ainda representa mais que 50% do custo industrial.

A receita para lidar com custos crescentes de mão de obra é conhecida: automação. Embora os frigoríficos estejam fazendo sua lição de casa aumentando o nível de automação nas linhas de abate e corte de frango, o estudo mostrou que, se a intenção é reduzir os custos industriais, é preciso investir mais. E é nesse ponto que vemos o Brasil numa encruzilhada. A necessidade

para investir existe, mas investir aqui é caro. O custo marginal de investir em aumento de capacidade de abate e corte no País é entre 25% maior do que nos EUA e 85% mais alto que na Tailândia. Maior custo para investir aumenta o custo operacional e requer mais financiamento para as empresas. Ou seja, gera uma situação de investimento subótimo, como hoje vemos no País.

Por que é mais caro investir no Brasil? Porque falta competição e sobra proteção, como tarifas elevadas e exigências de conteúdo nacional para tomar financiamento público nos setores de siderurgia, máquinas e equipamentos no Brasil.

É no elevado custo para investir que reside hoje a maior fragilidade dos setores competitivos e exportadores da indústria brasileira. Desoneração da folha de pagamento, redução do custo da eletricidade, melhorias em infraestrutura e logística e financiamento a custos competitivos são, sem dúvida, ações fundamentais. Mas, enquanto não houver maior competição nos setores de insumos, máquinas e equipamentos para o setor industrial, os setores competitivos não vão conseguir expandir a capacidade da produção no Brasil, situação que vemos atualmente nas carnes. As consequências dessa situação são conhecidas: as empresas brasileiras, sendo competitivas internacionalmente, deverão aumentar a capacidade produtiva fora do Brasil.

\* É DIRETOR DA AGROICONE  
SITE: WWW.AGROICONE.COM.BR